



A gradação em português brasileiro e a variação translinguística na expressão da comparação

Degree constructions in Brazilian Portuguese and the translinguistic variation in the expression of comparative constructions

Luisandro Mendes de Souza

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná / Brasil

luisandro@ufpr.br

<http://orcid.org/0000-0002-4499-3820>

Roberta Pires de Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, CNPq), Florianópolis, Santa Catarina / Brasil

ropiolive@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-4946-7205>

Lara Frutos

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Marechal Cândido Rondon, Paraná / Brasil

larafrutosg@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-5456-3536>

Kayron Beviláqua

Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), São José, Santa Catarina / Brasil

kayronbevilaqua@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-6627-8932>

Recebido em 31 de janeiro de 2022

Aceito em 09 de abril de 2022

Resumo: O artigo discute a hipótese dos parâmetros para expressão da comparação e das construções graduais analisando dados do português brasileiro (PB). Beck *et alii* (2009) e Beck, Oda e Sugisaki (2004) estipulam três parâmetros: i) a língua tem predicados graduais (DSP – Degree Structure Parameter); ii) a língua tem ligação de variáveis na sintaxe (DAP –Degree Abstraction Parameter); e iii) a língua tem a posição sintática de grau preenchida (DegPP – Degree Phrase Parameter). Línguas com marcação negativa no DSP não exibem qualquer construção gradual, enquanto as marcadas positivamente exibem uma variedade de construções graduais, especialmente comparativas tradicionais com algo semelhante a “mais”. O DAP dá conta de estruturas que envolvem ligação de variáveis de grau na sintaxe, como comparativas que exibem ambiguidades de escopo. Por fim, também há a impossibilidade de se preencher o argumento de grau dos adjetivos com sintagmas de medida (cf. *2 metros alto), um fato explicado pela marcação negativa no DegPP. Mostramos que o PB recebe marcação positiva nos dois primeiros parâmetros e negativa no último. Discutimos estruturas interrogativas graduais, bem como sintagmas de medida como *2 metros de altura*. O artigo conclui que essas estruturas precisam ser melhor discutidas para entendermos sua relação com os parâmetros.

Palavras-chave: Semântica; Universais Semânticos; Modificadores Graduais; Orações Comparativas.

Abstract: The paper discusses the hypothesis of parameters for the expression of comparison and degree constructions discussing data from Brazilian Portuguese (BP). Beck *et alii* (2009) and Beck, Oda and Sugisaki (2004) propose three parameters: i) the language has degree predicates (DSP – Degree Structure Parameter); ii) the language has or does not have binding of degree variables in the syntax (DAP –Degree Abstraction Parameter); and iii) the language has a syntactic degree argument filled (DegPP – Degree Phrase Parameter). Languages with negative setting in the DSP do not show any degree construction at all, especially comparative constructions with an expression like “more”. The DAP explains structures with binding of degree variables in the syntax, like comparative clauses with scope ambiguities. At last, there is the impossibility of filling the syntactic degree argument of gradable adjectives with measure phrases (cf. *2 metros alto/2 meters tall). This fact is explained by a negative setting in the DegPP. It is shown that BP receives positive setting in the first ones but negative setting in the last. It is also discussed degree interrogatives and measure phrases like *2 metros de altura* “2 meters of height”. The paper concludes that these structures should be better discussed to understand their place in the degree parameter hypothesis.

Keywords: Semantics; Semantic Universals; Degree Modifiers; Comparative Clauses.

1 Introdução

Dentro da abordagem referencial do significado, a busca por universais semânticos alcança novas fronteiras dia a dia. Dos universais na expressão da quantificação (cf. BARWISE; COOPER, 1981; CHIERCHIA, 2003; e referências lá citadas) aos parâmetros no domínio nominal (cf. CHIERCHIA, 1998; ROTHSTEIN; PIRES DE OLIVEIRA, 2011; entre outros), essa busca também atingiu o domínio dos predicados graduais e da expressão da comparação com os trabalhos de Beck, Oda e Sugisaki (2004) e Beck *et alii* (2009).

Nesse domínio, desde os trabalhos tipológicos de Ultan (1972) e de Stassen (1984), outros estudos (e.g. BOCHNAK, 2013; KENNEDY, 2007) fizeram considerações universalizantes, buscando compreender por que as línguas expressam a relação de comparação de forma diversa e por que, pelo que sabemos, nem todas as línguas aparentam ter modificadores graduais (como advérbios de gradação/intensificadores ou interrogativas graduais).

Expressar alguma forma de comparação parece ser universal, mas o fato é que nem todas as línguas o fazem através de um item lexical ou de um morfema que signifique alguma coisa como “mais”. Por exemplo, em português brasileiro (PB) e inglês temos o *mais ... (do) que, -er/more ... than*, ou seja, um item expressa a relação (de superioridade, inferioridade ou igualdade) e outro introduz o termo comparado – o padrão das línguas indo-europeias. Assim, a falta de um item linguístico que signifique “mais” ou “menos” coloca em questão a universalidade desse conceito.

Além disso, o estatuto sintático do constituinte *do que X* é matéria de discussão. Há quem defenda que estamos diante de uma conjunção subordinada (adverbial ou relativa) e há quem defenda que estamos diante de uma estrutura de coordenação¹. No plano semântico o valor de verdade da oração principal é dependente do valor de verdade da subordinada; o que poderia ser um argumento a favor da subordinação, já que na coordenação eles são independentes. Em (1b), por exemplo, temos uma sentença comparativa formada pelo adjetivo relativo *alto*, em que não há acarretamento de que João e Beto sejam altos ou baixos. Para que (1b) seja verdadeira, é preciso que João esteja acima de Beto na escala de altura. O mesmo pode ser afirmado para a sentença do inglês em (1a).

¹ cf. Marques (2003); Brito e Matos (2003); Souza (2010) e Dinis (2018) para discussão sobre o português.

- (1) a. John is taller than Bill.
 b. João é mais alto (do) que Beto.

Ampliando o escopo empírico, há várias línguas no mundo em que a comparação se dá em estruturas como (2a), do motu (Papua Nova Guiné), e (2b), do hixkaryana (Brasil, AM – família caribe), que envolvem coordenação no plano sintático, e, aparentemente, também no semântico. No plano estrutural, vemos algo muito similar às línguas indo-europeias, especialmente a presença de predicados graduais e o estabelecimento de uma relação entre dois indivíduos; contudo, a diferença está no fato de os predicados serem de polos opostos da mesma dimensão, como em (2a), ou a afirmação de um e a negação de outro, como em (2b). E, especialmente, a falta de um item que expresse “mais”.

- (2) a. *Mary na lata, to Frank na kwadoḡi.* (BECK et alii, 2009, p. 4)
 Mary TOP alto, mas Frank TOP baixo
 b. *Kaw-ohra naha Waraka, kaw naha Kaywerye* (KLEIN, 1991, p. 675)
 alto-não ele-é Waraka, alto ele-é Kayweryve

Partindo desse cenário, Beck *et alii* (2009) compararam mais de uma dezena de línguas, tendo num extremo o inglês, como a língua com o maior número de estruturas graduais (nesse conjunto está também o alemão) e no outro o motu, que aparenta não ter nenhum tipo de modificação gradual ou estrutura de comparação, embora tenha predicados vagos e dependentes de contexto. Beck *et alii* (2009) hipotetizaram três parâmetros para explicar por que nem todas as línguas investigadas apresentavam as estruturas atestadas em inglês. Assim, nossa meta nesse trabalho é investigar como o português brasileiro (PB, doravante) se comporta em relação a esses parâmetros, contribuindo para a discussão sobre as estruturas graduais.

Os parâmetros são divididos em três conjuntos e as línguas podem apresentar valor positivo ou negativo para eles.

- a) língua com grau: e com grau disponível para operações sintáticas como quantificação;
 b) língua com grau: mas sem possibilidade de preenchimento da variável de grau;
 c) línguas sem grau: a língua não tem nenhuma estrutura gradual tradicional.

Beck *et alii* (2009) fazem algumas suposições teóricas, assumindo que graus são entidades primitivas da ontologia, ao lado de indivíduos e valores de verdade.²

Para cumprir nosso objetivo principal, a primeira seção do artigo apresenta as estruturas graduais típicas no inglês e no japonês, comparando-as com o PB. A segunda seção apresenta os parâmetros. Por fim, trazemos considerações sobre os testes e a comparação com outros estudos que replicaram e eventualmente questionaram a hipótese inicial dos parâmetros, como Sanchez-Mendes (2016) fez para o caritiana e para o PB.

2 Inventário das estruturas graduais e comparativas

2.1 Rudimentos da semântica dos predicados graduais

Se graus existem como entidades na ontologia das línguas é uma questão aberta na semântica contemporânea (MORZYCKI, 2016). A tipologia básica na semântica formal (cf. HEIM; KRATZER, 1998; entre outros) prevê dois domínios básicos, o das entidades, D , de tipo e e o dos valores de verdade, de tipo t ; e a partir daí a existência de funções de mapeamento de um domínio ao outro, funções de tipo $\langle et \rangle$, $\langle e, \langle et \rangle \rangle$ etc. Por exemplo, *brasileiro* é um tipo de função que tem como domínio os indivíduos do universo de discurso e como contra-domínio os valores de verdade, $\{0,1\}$, isto é, uma função de tipo $\langle e, t \rangle$. Posteriormente outros domínios foram sendo estipulados, como domínios para eventos D_v , no estudo dos predicados de eventos, e mundos D_s , no estudo da modalidade.

Analisar predicados graduais como *alto/baixo* ou *perto/longe* como simples funções de indivíduos a valores de verdade não captura uma série de propriedades linguísticas dessas expressões, como a vagueza, a dependência contextual, a polaridade e as diversas modificações que podem sofrer. Para dar conta dessa variedade, alguns autores (BURNETT, 2014; KLEIN, 1980 entre outros) propuseram que esses predicados são funções parciais e que denotam domínios organizados, enquanto outros (BECK, 2011; HEIM, 2001; KENNEDY, 1997; 2007; von STECHOW,

² Abordagens alternativas, como Klein (1982), Burnett (2014), *inter alia*, assumem que adjetivos são funções parciais de indivíduos a valores de verdade, sem propor que entidades como graus façam parte da ontologia. Mais detalhes na seção 1.1.

1984) assumem que essa classe de predicados denota relações entre indivíduos e graus, ou seja, postulando entidades de tipo *d* na ontologia. Em (3) temos a formalização da entrada lexical de *alto* de acordo com cada visão. Em (3a), *alto* denota o conjunto daqueles indivíduos que estão na extensão positiva de *alto* no contexto dado. Ao mesmo tempo, o adjetivo também tem uma extensão negativa (aqueles indivíduos que não são altos na situação) e uma lacuna extensional (aqueles indivíduos que não são nem altos nem baixos). Em (3b), o adjetivo é uma relação entre um indivíduo e um grau na escala de altura. Embora em (3c) não tenhamos um grau explícito na entrada lexical, o adjetivo é essencialmente uma relação entre um indivíduo e uma posição na escala de altura, um grau.

- (3)a. $alto = \text{pos.alto}(x)$ (KLEIN, 1980)
 b. $alto = \text{ALTO}(x) \geq d$ (von STECHOW, 1984; HEIM, 2001)
 c. $alto = \text{ALTURA}(x)$ (KENNEDY, 1997, 2007; KENNEDY; MCNALLY, 2005)

Essas análises têm como objetivo principal dar conta da semântica de orações simples como (4a) e comparativas canônicas, como (4b), bem como da relação composicional entre elas. Afinal, esperamos que a semântica assumida para os adjetivos em orações simples seja a mesma nas suas variações modificadas por outras construções.

- (4)a. João é alto.
 b. João é mais alto (do) que Beto.

Abaixo comparamos a análise de Klein (1980) com a de Kennedy (2007) para as estruturas em (4), simplificando algumas suposições. (5a), partindo do visto acima, é verdadeira se e somente se João está na extensão positiva de *alto*. Note que a comparação nessa abordagem precisa que os indivíduos estejam dispostos em duas extensões diferentes. Assim, (6a) é verdadeira se e somente se João está na extensão positiva de *alto* e Beto na extensão negativa. Na abordagem de graus, em (5b), temos a formalização da intuição de que para que *João é alto* seja verdadeira é preciso que sua altura ultrapasse o padrão para ser considerado alto no contexto. Já em (6b), *João é mais alto que Beto* é verdadeira se e somente se João está acima de Beto na escala de altura.

- (5) a. *João é alto* = pos.alto(j) (KLEIN, 1980)
 b. *João é alto* = ALTURA(j) \geq d_{padrão em C} (KENNEDY, 2007)
- (6) a. *João é mais alto que Beto* = pos.alto(j) & neg.alto(b)
 b. *João é mais alto que Beto* = ALTURA(j) > ALTURA(b)

A literatura tem argumentado que a opção por graus tem maior cobertura empírica (ver BECK, 2011; KENNEDY, 1997, 2007), mas há novas tentativas de aplicar uma análise kleiniana a fenômenos que desafiam a abordagem de delineação, especialmente a polaridade adjetival, os adjetivos absolutos, ambiguidades de escopo e o escopo de quantificadores (BURNETT, 2014).

2.2 Inventariando as estruturas

Como dissemos, as estruturas que as línguas exibem, e que envolvem algum tipo de manipulação semântica sobre o predicado gradual, são muito variadas. Beck *et alii* desenvolveram um questionário que objetiva mapear o inventário de construções que a língua exhibe. Tomando o inglês como parâmetro, as seguintes estruturas mostrariam que temos construções que operam sobre o grau. Vamos aproveitar e introduzir as estruturas equivalentes no PB, conforme avançamos. Todos os exemplos do inglês e do japonês são de Beck *et alii*.

Traremos também alguns dados do japonês comentados por Beck *et alii* (2009), pois foi a partir de um estudo prévio (BECK; ODA; SUGISAKI, 2004) que surgiu o questionamento sobre as diferenças entre as línguas. A comparativa canônica em japonês tem a estrutura em (7) e a interpretação parafraseada logo abaixo. Beck, Oda e Sugisaki (2004) propõem que a interpretação mais adequada seria algo próximo a (7b) e não uma comparação padrão, como representada no PB em (7c).

- (7) a. Sally-wa Joe-yori se-ga takai.
 Sally-Top Joe-yori atrás-Nom alto
 b. Comparada ao Joe, Sally é mais alta.
 c. Sally é mais alta do que Joe.

- Interrogativa gradual

A interrogativa questiona o grau que o indivíduo exhibe da propriedade ou a sua posição na escala, como vemos na parafrase da interrogativa (8a) em (8b). Em (8c) estão as condições de verdade da

interrogativa, isto é, o conjunto de respostas possíveis para a pergunta em (8a). Em (8d) vemos que a interrogativa gradual no japonês não permite a mesma estrutura.

- (8) a. How tall is Captain Apollo?
 b. Para qual d: o Cap. Apollo é d-alto.
 c. {CA is 6ft tall; CA is very tall; CA is taller than me, ...}
 d. *John-wa dore-kurai kasikoi no?
 John-Top qual-grau esperto Q

Quanto ao PB, parece haver interrogativas graduais como o inglês, mas a questão a ser investigada é se ela é interpretada da mesma forma que sua contraparte no inglês. A resposta é parcialmente positiva. Enquanto em inglês o conjunto de respostas de (8c) pode envolver um sintagma de medida, no PB não pode (cf. 9c). Talvez esse seja um problema menor, mas interrelacionado, já que poder preencher o argumento de grau com uma expressão que denota um grau não é uma possibilidade atestada amplamente nas línguas.

- (9) a. Quão alto é o João?
 b. Para qual d: o João é d-alto.
 c. {O João é muito alto; O João é bem alto; O João é mais alto do que eu, ...}

Outro ponto importante é que essa não é a estrutura preferencial para se formular a interrogativa no PB coloquial. Tendemos a usar (10a) ou (10b). Poder-se-ia argumentar que as perguntas em (9a) e (10a-b) são distintas apenas superficialmente; no entanto, supondo que as condições de verdade de uma interrogativa sejam o conjunto das suas respostas, as sentenças em (9a) e as em (10) não podem ser vistas como variantes estilísticas. As interrogativas em (10a-b) só podem ter uma resposta que seja um intervalo, ou um sintagma de medida, como (10c). Já (9a) pode ser respondida com qualquer uma das opções em (9c), menos com um sintagma de medida. *O João tem 1,75m de altura* não pode ser uma resposta para (9a) e pode para (10a-b). Assim, é como se essas interrogativas tivessem respostas que estão em distribuição complementar.

- (10) a. Quanto que o João tem de altura?
 {quanto é a medida d na escala de altura: João tem d de altura}

- b. Qual é a altura do João?
 {o único grau d: João tem d de altura}
 c. O João tem 1,80m de altura.

No inglês, a estrutura da interrogativa gradual é relativamente uniforme, independentemente do predicado, mas no PB não. Por exemplo, como idade é um parâmetro contado numericamente, a interrogativa sobre a idade no PB é feita com *quantos*. No inglês ela é feita com *how*. A estrutura típica para interrogativas utilizando tal escala no PB é (11b). Comparando com (11c), note que ela interroga sobre qual o intervalo de graus em que um indivíduo está inserido na escala positiva de ‘idoso’ (muito? pouco?), implicando que o indivíduo é idoso. O mesmo vale para (11d). Isso é diferente da pergunta (11b) em que não há a pressuposição desse tipo.³

- (11) a. How old are you?
 b. Quantos anos você tem?
 c. Quão idoso você é? [buzzfeed.com]
 d. Quão jovem com alma de velho você é? [buzzfeed.com]

Embora dados como (11c) e (11d) não sejam tão amplamente utilizados na fala vernacular e parecem não ser aceitos universalmente por falantes de PB, encontramos diversos registros de sentenças similares e consultamos informantes que aceitam seu uso. Não se trata, portanto,

³ Um dos pareceristas sugeriu que embasássemos essa afirmação. Pelo contraste entre o termo negativo e positivo de um par de adjetivos polares, percebemos que o adjetivo negativo é marcado na interrogativa. Isso não vale de forma geral. Compare os pares abaixo. No par *alto/baixo*, *baixo* é a forma marcada e a interrogativa (ib) pressupõe que João é baixo. Agora no par *quente/frio*, embora denotem regiões diferentes de uma mesma escala, temperatura, ambos trazem o pressuposto de que a sopa está fria em (iia) e quente em (iib).

- (i) a. Quão alto João é? (ii) a. Quão fria está essa sopa?
 b. Quão baixo João é? b. Quão quente está essa sopa?

Como estamos diante de uma interrogativa, é difícil testar sua pressuposição. Podemos usar, nesse caso, uma versão do teste de von Stechow (2004), que adaptaremos para *perai* (‘wait a minute’, no original). (ia) pode ser respondida com *muito alto*, *bem alto*, *não muito alto*, *bem baixinho* etc.; já (iib) não pode ser respondida com *muito alto*. Além disso, se um interlocutor responde a essa interrogativa com *Peraí! Eu não sabia que ele era baixo* demonstra que não faz parte do seu ‘common ground’ uma proposição que parece ser verdade compartilhada entre os outros interlocutores. Autores como Rett (2020) assumem que interrogativas como (ib) trazem uma pressuposição, embora sem muita discussão; a ideia também aparece em Cruse (1986).

apena de uma tradução literal do inglês, mas de uma possibilidade estrutural do PB. Ou seja, podemos concluir que essa diferença se deva apenas a como as línguas lexicalizam as escalas. O PB opta por uma nominalização nas interrogativas, primordialmente, pois o uso do adjetivo para fazer a interrogativa é marcado com leituras específicas.

- Sintagmas de medida

Sintagmas de medida são entendidos como expressões que denotam um grau, ou uma posição na escala. Como a literatura mostra (CORVER, 2009; SCHWARZSCHILD, 2006), há muita variabilidade no preenchimento do argumento de grau de predicados graduais, especialmente se considerarmos que isso depende de termos medidas culturais para os graus das escalas. Mesmo assim, há línguas que não permitem essa possibilidade, caso do PB. A construção no japonês, embora bem formada, tem apenas a interpretação de uma comparação implícita, não de que 5cm seja a altura do indivíduo em (12c).

- (12) a. Captain Apollo is exactly 1.74m tall.
 b. O grau máx d tal que Cap. Apollo é d-alto é 1,74m.
 c. Sally-wa 5cm se-ga takai.
 Sally-wa 5cm atrás-Nom alto.
 Sally é 5cm mais alta/*Sally é 5cm alta.
- (13) a. *João é 1,75m alto.
 b. João tem 1,75m de altura.

Diferentemente do inglês, no PB o argumento sintático-semântico do adjetivo não pode ser preenchido por um sintagma de medida, como em (13a). Contudo, podemos supor que a nominalização em (13b) tenha condições de verdade similares à sentença inglesa em (12a), qual seja: o grau máximo d tal que João é exatamente d-alto é 1,80m. O que diferencia as duas sentenças nesse caso é como essa proposição é expressa sintaticamente. Acreditamos que esse é um tema para investigação potencial e que o parâmetro não consegue explicar totalmente, já que embora o PB requeira uma estrutura com nominalização como em (13b), o inglês também exhibe estruturas com nominalizações de escalas (cf. *This man has 2m of height*).

Não há uma explicação consensual para essa proibição. Já que o argumento está disponível, por que línguas como o PB (e as outras românicas) não permitem que esse argumento seja preenchido? A resposta de Beck *et alii* é a estipulação de um traço ligado a um dos parâmetros, como veremos na próxima seção.

- Comparativas de igualdade

As estruturas comparativas de igualdade, também chamadas de equativas, são possíveis no PB, assim como estruturas similares em inglês. Do ponto de vista interpretativo, o ponto importante é que em inglês não temos acarretamento para o positivo, (14a) não acarreta que Starbuck e Captain Apollo sejam altos. O mesmo acontece com a sentença em (15).

- (14) a. Starbuck is as tall as Captain Apollo is.
b. O grau máximo de altura que a Starbuck possui é pelo menos tão alto quanto o grau máximo de altura que o Capitão Apollo possui.

- (15) O João é tão alto quanto o pai dele.

- Superlativo relativo

Comparando as sentenças em (16a) e (17), o superlativo no PB tem estrutura diferente do inglês, mas as mesmas condições de verdade. Embora o superlativo relativo no PB seja feito com *mais*, a interpretação é de que estamos comparando implicitamente a altura de João com a de outros membros de algum conjunto implícito dado contextualmente. A diferença dessa para as estruturas de comparação canônicas é que o sintagma [*o mais A*] é uma descrição definida, dando a esse sintagma uma função identificacional, como aponta Marques (2003).

- (16) a. Helo is the tallest.
b. O grau máximo de altura que Helo possui excede o grau máximo de altura que qualquer outra pessoa relevante possui.

- (17) João é o mais alto (da turma/da família).

- Comparativas diferenciais

Abaixo temos os exemplos de comparativas diferenciais do inglês em (18a) e do japonês em (18c). O PB está em (19). A principal característica dos diferenciais é medir a diferença entre a altura de dois indivíduos que estão sendo comparados em uma comparativa de inferioridade ou de superioridade. Note que no PB também podemos usar um sintagma de medida nessa posição, bem como outros graduadores (como *muito*, *pouco*, *um pouco*, *bem* etc.).

- (18) a. Helo is 8 cm taller than Starbuck is.
 b. O grau máximo de altura que Helo possui é 8cm maior do que o grau máximo de altura que Starbuck possui.
 c. Sally-wa Joe-yori 5cm se-ga takai.
 Sally-Top Joe-yori 5cm atrás-Nom alto
Sally é 5cm mais alta do que Joe
- (19) O João é {5cm/bem/muito} mais alto do que eu.

- Outras comparativas

As estruturas comparativas também podem ser atributivas (20a), adverbiais (20b) ou oracionais (20c). As estruturas equivalentes no PB estão em (21). Note que as orações em (a) comparam quantidades, não graus no sentido tradicional. Por sua vez, as orações em (b) tem como predicado de comparação um advérbio, embora envolvam elipse de um sintagma verbal, enquanto em (c) vemos que o constituinte complemento do marcador do padrão é explicitamente oracional.

- (20) a. Mr Bingley keeps more servants than Mr Bennet does.
 b. Colonel Fitzwilliam behaved more amiably than his cousin did.
 c. Colonel Fitzwilliam behaved more amiably than I had expected.
- (21) a. Brás Cubas tem mais serviçais do que Quincas Borba.
 b. Brás Cubas se portou mais amigavelmente do que seu primo.
 c. Brás Cubas se portou mais amigavelmente do que Virgília esperava.

Outra construção importante é a chamada subcomparativa, exemplificada em (22a). Esse tipo de comparativa tem como característica envolver dois predicados diferentes de escalas similares, mas a comparação, na verdade, é entre a diferença que cada um exibe em relação ao grau padrão positivo de cada predicado, interpretação que a paráfrase logo abaixo busca capturar. O japonês não tem essa construção, cf. (22b). A estrutura no PB está em (23).

(22) a. Your shoes are longer than this cupboard is deep.

O grau máximo de comprimento do teu sapato ultrapassa o grau máximo de profundidade do balcão.

b. *Kono tana-wa [ano doa-ga hiroi yori (mo)] (motto) takai.

this shelf-Top [aquela porta-Nom largo yori (mo)] mais alto

(23) Essa estante é mais alta do que a porta é larga.

Aqui nossa intuição variou. Houve quem julgasse a sentença em (23) na interpretação pretendida como, no mínimo, estranha, mas a maioria de nós a julgou gramatical e interpretável. De qualquer modo, seria importante a testagem desse tipo de construção no PB para maior clareza de sua gramaticalidade e quais interpretações são possíveis. Vale dizer, ademais, que Sanchez-Mendes (2016) também julgou a sentença gramatical. Vamos assumir que ela tem condições de verdade como aquelas atribuídas para (22a): comparamos o quanto cada indivíduo desvia do padrão para estar no intervalo positivo de cada predicado. Ou, em outras palavras, seguindo o padrão de (22a): o grau máximo de altura da estante ultrapassa o grau máximo de largura da porta.

- Interação com outros operadores

De acordo com a visão tradicional, a oração comparativa denota uma descrição definida de graus, *o grau máximo...*, é essa expressão que em tese deveria entrar em interação de escopo com outros operadores que possuem força quantificacional. Para Heim (2001), (24) é o tipo de exemplo que nos mostra que comparativas podem entrar em interação de escopo com outros operadores; nesse caso, a expressão modal *is required*.⁴

⁴ Ver também Morzycki (2016) e Beck (2011).

(24) This draft is 10 pages long. The paper is required to be exactly 5 pages longer than that.

a. O tamanho que o artigo tem em todos os mundos que preenchem os requisitos é 15 páginas. = o tamanho mínimo necessário para o artigo é 15 páginas.

b. Em todos os mundos que preenchem os requisitos, o tamanho do artigo é 15 páginas. = o artigo precisa ter exatamente 15 páginas.

A sentença tem duas leituras. A relevante é a parafraseada em (24a). Ela é a leitura importante porque nos mostra que a descrição definida de graus que a oração comparativa *than X* denota pode ter escopo sobre a expressão modal *is required*. Qualquer situação em que o artigo tem mais de 15 páginas já é uma situação que torna essa leitura verdadeira. Já a leitura (24b) só é verdadeira se o artigo tiver exatamente 15 páginas e não mais do que isso. Em todas as situações é o caso que há um único tamanho para o artigo, 15 páginas.

Esse é um tema potencialmente controverso, pois mesmo para o inglês os julgamentos sobre a existência da ambiguidade não são unânimes. A nossa intuição em relação ao equivalente no PB, em (25), também variou. Contudo, para a maioria de nós a leitura principal é a equivalente a (24a) para o exemplo em inglês. Reforçando, o fato crucial aqui é que a descrição definida parece ter escopo acima da expressão modal *tem que*.

(25) Esse manuscrito tem 10 páginas. O artigo tem que ser exatamente 5 páginas mais longo do que isso.

No caso do japonês, a leitura de escopo amplo da descrição definida não existe para o exemplo (26):

(26) Sono ronbun-wa sore yori(mo) tyoodo 5 peeji nagaku-nakerebanaranai.

Esse artigo-Top que yori(mo) exatamente 5 páginas longo-necessário

Esse artigo tem que ser exatamente 5 páginas mais longo do que isso.

- Efeito da ilha negativa

Um fenômeno importante que as comparativas em inglês exibem é o chamado efeito da ilha negativa. Basicamente, a presença de uma negação sentencial dentro da oração sob *than* torna a sentença agramatical,

como vemos em (27a). Mas no japonês uma estrutura equivalente é gramatical, como temos em (27b), embora, como a interpretação sugere, as condições de verdade sejam diferentes do inglês. A tradução da mesma sentença no PB é agramatical, cf. (28).

- (27) a. *Mary bought a more expensive book than no boy did.
b. John-wa [dare-mo kawa-naka-tta no yori] takai hon-o katta.
John-Top [qualquer comprar-Neg-Past No yori] caro livro-Acc comprar
Mary comprou um livro mais caro do que o livro que nenhuma outra pessoa comprou.

- (28) *Maria comprou um livro mais caro do que nenhum garoto comprou.

Esse efeito é explicado por abordagens que usam graus postulando que o sintagma que traz o padrão de comparação denota um conjunto de graus que não serve de padrão para a comparação, pois não há um grau máximo tal que não é o caso que existe um garoto que comprou um livro d-caro. Essa é a denotação do sintagma, como vemos em (29). Como esse grau não tem “referente”, a comparação é anômala.

- (29) *than no boy did* = λd . nenhum garoto comprou um livro d-caro.

- Forma positiva

A forma mais simples do uso dos adjetivos graduais é o seu uso como predicado nominal, como temos em (30-31).

- (30) a. Hello is tall.
b. A altura da Hello excede o padrão contextual de altura.

- (31) João é alto.

A importância dessa sentença simples está na sua dependência contextual e na sua vagueza. Embora relacionados, esses dois aspectos são diferentes. Compare com sentenças com indexicais, por exemplo, que precisam de informação contextual para que alcancemos a proposição

que elas expressam, mas que, uma vez resolvida a indexicalidade, deixam de lançar mão do contexto. Algo similar acontece em orações como (30-31): o valor de verdade delas depende do que julgamos como *alto* no contexto em que a sentença é proferida e o que ela expressa é que o sujeito ultrapassa esse padrão contextual, que é estabelecido através da consideração de uma classe de comparação (isto é, o conjunto de indivíduos contra os quais comparo a altura do sujeito da oração). Além da dependência contextual, outra característica da vagueza são os casos limítrofes, isto é, casos em que podemos vacilar se o predicado se aplica ou não ao indivíduo (KENNEDY, 2007).

Na prática é o que ocorre com sentenças similares em línguas como o motu, que não têm modificadores, mas o valor de verdade de uma sentença como *x é alto*, em motu, também depende de um valor contextual.

Feita essa apresentação das estruturas relevantes, passemos à discussão dos parâmetros.

3 Os parâmetros

A comparação entre o inglês e o japonês levou Beck, Oda e Sugisaki (2004) a criar a hipótese de que um parâmetro explicaria as diferenças atestadas pelos autores entre as línguas. Embora sejam três os parâmetros, o mais importante é o parâmetro da estrutura gradual (DSP): a língua tem ou não tem predicados graduais. O motu não tem qualquer tipo de comparativa usual, nem modificadores graduais (como intensificadores), portanto recebe marcação negativa. Já o inglês e o japonês apresentam marcação positiva. Contudo, há ainda diferenças entre as línguas, como vimos. As diferenças são então explicadas por outros dois parâmetros: o parâmetro da abstração dos graus (DAP) e o parâmetro do sintagma de grau (DegPP). Vamos a eles e às estruturas envolvidas.

DAP: Parâmetro da abstração dos graus (Degree abstraction parameter) – A língua (não) tem ligação de variáveis na sintaxe.

A falta de um sistema de ligação de variáveis de grau explicaria a ausência da leitura de escopo amplo no japonês, a falta do efeito da ilha negativa e a interrogativa de grau. É menos claro para nós que o parâmetro explique também a ausência das estruturas subcomparativas (de comparação de desvio) e a ausência de sintagmas de medida preenchendo o argumento de grau, pois essa explicação depende de se

supor que a estrutura no japonês não permita comparar dois conjuntos de graus (de dimensões diferentes, é importante notar) e que o sintagma de medida denote algum tipo de quantificação sobre graus e não apenas seja ele mesmo um grau.

A investigação translinguística objetiva verificar se outras línguas apresentam o inventário de estruturas que o inglês apresenta. Assim, esse levantamento tem três partes:

- (a) Inventário das estruturas I: graus tradicionais do adjetivo (positivo, comparativo de superioridade, inferioridade e igualdade e superlativo), interrogativas graduais e outros modificadores, como intensificadores e construções de excesso (como *demais*).
- (b) Inventário de estruturas II: verifica se a língua tem estruturas de comparação atributiva, adverbial e oracional, pois se a língua não tem comparativas oracionais não faz sentido questionar se existem o efeito da ilha negativa e a estrutura de comparação de desvio.
- (c) Inventário de estruturas III: presença de graus explícitos.

A questão subjacente a toda a investigação é a manipulação de graus. Nesse sentido, é importante verificar se a língua pode fazer comparação com um grau explícito e se tem diferenciais, como temos em (32-33).

- (32) a. Captain Apollo is taller than 1.70m
b. Helo is 8cm taller than Starbuck is.

- (33) a. Pedro é mais alto do que 1,70cm.
b. Pedro é 5cm mais alto do que Gabriel.

Note que, embora (33a) seja gramatical, a estrutura preferida para fazer essa comparação no PB é (34). Contudo, como comentamos para os casos com sintagmas de medida, podemos supor que (34) tem as mesmas condições de verdade que (33a).

- (34) Pedro tem {mais do que/de} 1,70m (de altura).

Assim, a investigação empírica translinguística originou o parâmetro principal, formulado como abaixo:

DSP (Degree semantics parameter) – a língua (não) tem predicados graduais, ou predicados que introduzam graus.

Esse parâmetro corresponde à existência de estruturas típicas para expressão de grau (como as listadas no inventário I em (a) acima, nesta seção). Se a língua tem predicados graduais, esse grau está disponível para ser modificado ou ligado por essas expressões que estabelecem relações entre graus, como a comparação e outros tipos de modificadores graduais. Nesse aspecto, o item (c) também é relevante, pois verifica a presença de estruturas que manipulam graus.

Motu é o exemplo típico da marcação negativa do parâmetro. É uma língua com comparação expressa via conjunção, como vimos. Ela não tem qualquer item para realizar modificação gradual, muito menos comparativas com diferenciais ou com um grau como o padrão. (35) exemplifica a estrutura agramatical, com o significado pretendido de “Maria tem mais de 1,70m de altura”.

(35) * Mary na lata 1.70m.
Mary TOP alta, 1.70m

Beck *et alii* sugerem que os predicados como *lata* ‘alto’ em motu devem ser analisados como se analisam preposições locativas lexicais, que, embora sejam vagas e dependentes de contexto, não são predicados com um argumento semântico de grau. Como sugerem: “Perhaps degrees and scales are a level of abstraction above context dependency that a language may or may not choose to develop.” (BECK *et alii*, 2009, p. 28)

Há línguas que apresentam um verbo significando algo como “exceder”. Em yorubá (África ocidental) vemos uma comparativa típica. Mas essa língua também tem comparações com graus, que vemos em (36-37), e diferenciais nas orações comparativas, em (38a) e (38b).

(36) a. Owó osù rè ju ti e lo
dinheiro mês dela excede que teu ir
O salário dela excede o teu salário.
b. Ade ga jo Isaac lo.
Ade é alta excede Isaac ir
Ade é mais alta do que Isaac.

- (37) a. *Kathy fi esebata kan ga ju Sandra lo.*
 Kathy com pé um alta excede Sandra ir
Kahty é um pé mais alta do que Sandra.
- b. *Kathy ga ju esebata marun ataabo lo.*
 Kathy é alta exceed pé cinco e meio ir
Kathy é tem mais de cinco pés e meio.

Embora o operador de comparação seja um verbo, isso não quer dizer que não tenhamos graus. Contudo, Beck *et alii* supõem que o verbo *ju* denote uma relação de superioridade. Lembrando que o crucial é a presença do diferencial e da comparação de grau, para que a língua tenha a marcação positiva no parâmetro.

DegPP (Degree Phrase Parameter) – O argumento de grau do predicado pode estar (ou não) explicitamente preenchido.

Esse parâmetro não quer dar conta da presença de sintagmas de medida como argumentos semânticos/sintáticos do predicado gradual. Na verdade, sua elaboração é mais sintática, no sentido que está preocupado com o preenchimento da posição de especificador do sintagma adjetival (SA). Essa posição pode ser preenchida por operadores na sintaxe encoberta, que é o que acontece com as interrogativas graduais (preenchida por um *Qu-*) e nas subcomparativas (preenchida por um operador). Ambos são elementos que se movem em forma lógica (FL).⁵ Em (38) vemos os operadores na posição em que devem nascer na estrutura, como especificadores. Em (38a) o operador é uma expressão interrogativa que se move de forma visível; em (38b) o especificador do SA está preenchido pelo *mais* na oração principal e por um operador (OP) na subordinada.

- (38) a. [_{SA} *quão* [_A *alto*]]
 b. A mesa é mais alta do [que a porta é [_{SA} OP [_A *larga*]]]

⁵ Lembrando a distinção entre esses dois tipos de movimento na abordagem gerativa: movimentos visíveis são movimentos com consequências fonológicas, como o movimento de expressões interrogativas; enquanto o movimento encoberto é o movimento de quantificadores e operadores em forma lógica, sem consequências visíveis na superfície sonora.

Esse parâmetro objetiva explicar por que línguas como o russo não apresentam estruturas como interrogativas graduais, subcomparativas e sintagmas de medida.

Não temos uma ampla discussão desses aspectos na literatura sobre o PB. Mas assumindo, com Martinho (2007), que o sintagma de grau (DegP), ou nesse caso o especificador do SA, também pode ser preenchido na sintaxe pelos operadores em discussão, nossa língua teria marcação positiva no parâmetro, pois vimos que as estruturas em questão são possíveis.

A tabela abaixo resume alguns exemplos típicos de línguas, algumas mencionadas aqui. O inglês está num extremo da tabela (possuindo todas as estruturas) e o motu no extremo oposto (sem nenhuma), considerando apenas um subconjunto das estruturas graduais, aquelas que se mostraram relevantes para estabelecer as diferenças entre as línguas. Os subconjuntos das estruturas são aqueles que mostraram se comportar de forma parecida.

Tabela 1 – Resumo dos parâmetros nas línguas

Língua	Dif	CGrad	Escopo	Ilha-N	Qu-G	SM	SubC
Inglês	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Alemão	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Espanhol	sim	sim	sim	sim	(não)	(não)	(não)
Guarani	sim	sim	sim	sim	não	não	não
Chinês	sim	sim	não	não	não	não	não
Motu	não	não	não	n.a.	não	não	n.a.
PB	sim	sim	sim	sim	não	não	(sim)

Fonte: Beck et alii (2009) (adaptado com a inclusão do PB)

(): dúvida; n.a.: não se aplica

Note que os dados cruciais envolvem três estruturas que geraram algumas dúvidas sobre a aceitabilidade no PB (interrogativas graduais e subcomparativas) estão organizados dentro de um mesmo grupo. Além disso o PB não permite o preenchimento do argumento sintático/semântico de grau com um sintagma de medida, o que nos faria pensar que nossa língua está próxima do inglês nesse parâmetro. Note que em relação ao espanhol, língua de mesma família que o PB, há um “(não)”, representando que há dúvida sobre a aceitabilidade dos dados. O espanhol

permite, como o PB, estruturas subcomparativas. Os dados abaixo são de Beck *et alii* (2009, p. 57, nos apêndices). Note que a estrutura gramatical envolve a inversão sujeito-predicado. Ou seja, a estrutura é possível⁶.

- (39) a. *La mesa es más alta que la puerta es ancha.
b. La mesa es más alta que ancha es la puerta

Resumindo, temos três parâmetros (DSP, DAP e DegPP), cada um deles está relacionado com um conjunto de estruturas na tabela 1. Note que se a língua tem marcação negativa para o primeiro, não terá os demais. Se a marcação é positiva para o primeiro, ela pode ter ou não o segundo, cuja marcação negativa impede que tenha o terceiro. E a marcação positiva no segundo, leva a possibilidade de ter marcação positiva ou negativa no terceiro. Assim, o quadro geral que se revela é bastante elegante.

4 Discussão

Há várias discussões teóricas sobre a semântica e a sintaxe da comparação, como mencionamos na introdução: a) qual é o nexos sintático entre as proposições?; b) todas as comparativas envolvem base oracional ou há línguas com estruturas ambíguas?; c) quais são as estratégias linguísticas de comparação? O trabalho de Beck *et alii* (2009) contribui para estimular a discussão da estipulação de parâmetros semânticos, dentro de uma abordagem referencial do significado, olhando particularmente para a questão (c).

O quadro geral revelado pela revisão do trabalho de Beck *et alii* (2009) nas seções anteriores nos mostrou que o PB parece se comportar parcialmente como o inglês, embora haja algumas dúvidas sobre a presença de algumas estruturas, especialmente as relacionadas ao parâmetro do sintagma de grau (DegPP), que envolve o preenchimento na sintaxe de uma posição estrutural por um operador ou por um grau (caso das interrogativas graduais e dos sintagmas de medida). Veja que isso poderia nos levar a crer que o PB esteja mais próximo do romeno e do espanhol, línguas em que a gramaticalidade dessas estruturas também é restrita.

Beck *et alii* não são claros sobre o que explica a impossibilidade de se preencher o argumento de grau com sintagmas de medida. Sanchez-

⁶ Ver também Reglero (2007).

Mendes (2016) também discute essa questão e aponta que uma solução seria reformular esse parâmetro, dado que no PB e no caritiana esse preenchimento não é possível. Sua sugestão é que esse aspecto fosse retirado do quadro geral de definição do parâmetro, pois para ela o sintagma de medida é um predicado de grau, não um elemento que ligaria uma variável de grau.

Nossa sugestão será na manutenção do sintagma de medida como parte do parâmetro. Como vimos anteriormente, o sintagma de medida pode ser analisado como um grau, ou um nome para um intervalo. Se essa análise está correta, podemos entender que as condições de verdade de uma sentença do inglês como (40a) e a do PB em (40b) são apenas diferentes lexicalizações ou realizações sintáticas da mesma proposição. Isto é, suas condições de verdade são as mesmas: são verdadeiras se e somente se John tem 6 ft de altura.

- (40) a. John is 6ft tall.
 b. John tem 6 pés de altura.
 c. *John tem 6 pés de altura* = $\exists d[\text{ALTURA}_{\text{alto}}(j) \geq d \ \& \ d = 6 \text{ pés}]$

Ou seja, esse parâmetro poderia ser reformulado como um subparâmetro ou um microparâmetro⁷: há línguas que preenchem sintaticamente o adjetivo com um grau, enquanto outras optam por preencher o nome da escala, que não deixaria de ser analisado como um predicado de graus ou uma função de medida.

- (41) a. A altura do prédio assusta.
 b. Os 100m de altura do prédio me assustam.

Em resumo: a expressão do sintagma de medida ou se realiza como um modificador de uma nominalização da escala ou como um argumento sintático.

⁷ Supomos que talvez esse seja um caminho, dado que microparâmetros acomodariam especificações lexicais e ter o argumento de grau preenchido por sintagmas de medida depende, em alto grau, de se ter algum sistema de medida para a dimensão. E mesmo isso não garante a possibilidade da estrutura. No inglês há um sistema de medição de temperatura do ambiente, mas não é gramatical uma estrutura como **today is 30° C hot*. Ou seja, há bastante irregularidade na distribuição desses sintagmas de medida.

O mesmo raciocínio poderia ser aplicado no caso das questões graduais. Contudo, note que a resposta para interrogativas como (42) só pode ser um sintagma de medida, enquanto a interrogativa com o *quão* pode ser com outras expressões graduais. Tomamos isso como um indício de que a semântica dessas interrogativas não é a mesma. Isto é, a interrogativa gradual com adjetivos dimensionais “tradicional” não é apenas uma variante arcaica, como sugere Sanchez-Mendes (2016), embora, certamente, seja uma forma mais formal de interrogativa gradual.

- (42) a. Qual é a altura do João?
 b. Quantoⁱ João tem tⁱ de altura?/O João tem quanto de altura?
 c. {d: 1,80m}
- (43) a. Quão alto é o João?
 b. {muito alto, bem alto, mais alto do que o Pedro}

Considerações Finais

Na primeira parte do artigo apresentamos as principais estruturas graduais e comparativas que as línguas podem exibir ou não. Essas diferentes estruturas são organizadas em três parâmetros, de acordo com a proposta de Beck *et alii* (2009). Esses parâmetros são de natureza diversa. O primeiro envolve a existência de predicados de graus no sentido clássico, isto é, a língua tem (ou não) predicado com um argumento sintático e semântico de tipo *d* (DSP). Se a língua tem esse tipo de predicado, ela exibe as estruturas comparativas que são relevantes para o segundo parâmetro, o parâmetro da abstração de graus. Esse parâmetro (DAP) explica diferenças relacionadas com a manipulação de graus por processos sintáticos (como as interrogativas graduais) e operações de escopo, processos que lidam com variáveis de grau, ligação sintática e movimento em forma lógica. O parâmetro do argumento de grau (DegPP) é essencialmente semântico e verifica a disponibilidade do preenchimento do argumento de grau dos adjetivos por sintagmas de medida em línguas como o inglês (cf. *John is 6ft tall.*). Na discussão dos parâmetros, analisamos a relação do PB com o inglês. A principal diferença significativa é em relação ao parâmetro do preenchimento do grau (DegPP). Nesse aspecto, nossa língua se comporta como o espanhol e o chinês, não apresentando o preenchimento do argumento de grau por

sintagmas de medida, nem interrogativas graduais similares à estrutura interrogativa típica do parâmetro.

Na discussão enfatizamos que é importante considerar também outras possibilidades linguísticas de expressão desses conteúdos. No PB temos interrogativas graduais de dois tipos que parecem estar em distribuição complementar. *Quão alto é o João?* interroga vagamente sobre a altura de João, enquanto *Qual é a altura de João?* interroga especificamente sobre a sua medida na escala de altura. Em inglês há uma interrogativa que cumpre as duas funções. A proposta de Beck *et alii* não considera o papel dessas outras estruturas. Notamos que elas exibem no PB a particularidade de envolverem nominalizações, como *altura*, e que essa nominalização também se manifesta no licenciamento de sintagmas de medida, como em *João tem 1,80m de altura*. Acreditamos que isso não é apenas coincidência. Nossa expectativa é de mais línguas que se comportem como o PB e o espanhol nesse aspecto: ao não permitir estruturas como sintagmas de medida e interrogativas graduais que operem sobre o argumento semântico de grau do adjetivo, a língua oferece outro mecanismo sintático, a nominalização da propriedade gradual. Note que em comum, tanto interrogativas quanto sintagmas de medida, se lexicalizam via estruturas desse tipo.

Declaração de Autoria

O artigo é o resultado de várias discussões que os autores travaram e a sua redação é fruto de trabalho conjunto. Para fins formais, seguem informações mais detalhadas:

Luisandro Mendes de Souza: discussão do objeto de estudo e análise. Revisão teórica. Planejamento e escrita inicial do texto. Adequações das sugestões dos pareceristas. Construção de análises. Redação e revisão geral do artigo.

Roberta Pires de Oliveira: discussão do objeto de estudo e análise. Levantamento teórico. Escrita complementar do artigo. Construção de análises e exemplos. Adequações das sugestões dos pareceristas. Revisão geral do artigo.

Lara Frutos: discussão do objeto de estudo e análise. Busca de dados. Criação de piloto para interpretação de sentenças limítrofes. Redação e revisão do artigo. Revisão final de normalização do texto.

Kayron Campos Beviláqua: discussão do objeto de estudo e análise. Busca de dados. Criação de piloto para interpretação de sentenças limítrofes. Escrita e revisão do artigo. Adequações das sugestões dos pareceristas.

Agradecimentos

Ao CNPq pelo apoio financeiro através de bolsa PQ a Roberta Pires de Oliveira. O artigo surgiu das discussões de um seminário sobre semântica dos predicados e modificadores graduais que Luisandro Mendes de Souza e Roberta Pires de Oliveira ministraram na pós-graduação em Letras da UFPR durante o segundo semestre de 2017. Agradecemos aos participantes do seminário, Denise Mazocco, Kayron Beviláqua e Lara Frutos. Agradecemos aos participantes do Workshop Universals and Variation in Semantics and Pragmatics, parte da programação do V Congresso Internacional de Linguística Histórica, onde esse trabalho foi apresentado e aos pareceristas anônimos pelas sugestões e leitura atenciosa do artigo.

Referências

- BARWISE, J.; COOPER, R. Generalized quantifiers and natural language. *Linguistics and Philosophy*, Nova York, v. 4, n. 2, p. 159–219, 1981. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF00350139>. Acesso em: 31 jan. 2022.
- BECK, S.; KRASIKOVA, S.; FLEISHER, D.; GERGEL, R.; HOFSTETTER, S.; SAVELSBERG, C.; VANDERELST, J.; VILLALTA, E. Crosslinguistic variation in comparison constructions. *Linguistic Variation Yearbook*, Amsterdam, v. 9, p. 1-66, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1075/livy.9.01bec>.
- BECK, S.; ODA, T.; SUGISAKI, K. Parametric Variation in the Semantics of Comparison: Japanese vs. English. *Journal of East Asian Linguistics*, Nova York, v. 13, p. 289-344, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10831-004-1289-0>
- BECK, S. Comparison Constructions. In: MAIENBORN, C.; von HEUSINGER, K.; PORTNER, P. (eds.) *Semantics: an international handbook of natural language meaning*. Berlin: De Gruyter, 2011. p. 1343-1389.
- BOCHNAK, R. The non-universal status of degrees: evidence from Washo. In: KEINE, S.; SLOGGET, S. (eds.). *Proceedings of North-East Linguistic Society (NELS)*, 42, Amherst: GLSA, 2013. p. 79-92.
- BRITO, A.; MATOS, G. Construções de graduação e comparação. In: MIRAMATEUS, M. H. *et alli* (orgs.). *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Porto: Caminho, 2003. p. 729-766.

BURNETT, H. A Delineation solution to the puzzles of absolute adjectives. *Linguistics and Philosophy*, Nova York, v. 37, n. 1, p. 1–39, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10988-014-9145-9>. Disponível em: <<http://link.springer.com/10.1007/s10988-014-9145-9>>. Acesso em: 18 set. 2020.

CHIERCHIA, G. Reference to Kinds Across Languages. *Natural Language Semantics*, Nova Iorque, v. 6, p. 339-405, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1023/A:1008324218506>

CORVER, N. Getting the (syntactic) measure of Measure Phrases. *The Linguistic Review*, Berlin, v. 26, n. 1, p. 67–134, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1515/tlir.2009.003>. Disponível em: <<https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/tlir.2009.003/html>>. Acesso em: 31 jan. 2022.

CRUSE, D. *Lexical Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

DINIZ, V. R. *Construções comparativas no português brasileiro : uma análise sintática*. 2018. 143 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Paraná, 2018.

von FINTEL, K. Would you believe it? The King of France is back! Presuppositions and truth-value intuitions. In: REIMER, M.; BEZUIDENHOUT, A (eds.). *Descriptions and Beyond*. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 269-296.

HEIM, I. Degree Operators and Scope. *Semantics and Linguistic Theory* (SALT), Nova York, v. 10, n. 0, p. 40–64, 2000. DOI: <https://doi.org/10.3765/salt.v10i0.3102>

HEIM, I.; KRATZER, A. *Semantics in Generative Grammar*. Oxford: Blackwell, 1998.

KENNEDY, C. *Projecting the Adjective: the Syntax and Semantics of Gradability and Comparison*. 1997. 243 f. Ph.D. dissertation, UC Santa Cruz, 1997.

KENNEDY, C. Vagueness and grammar: the semantics of relative and absolute gradable adjectives. *Linguistics and Philosophy*, Nova York. v. 30, n. 1, p. 1–45, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10988-006-9008-0>. Acesso em: 11 set. 2020.

KENNEDY, C. Modes of Comparison. In: Malcolm Elliott, James Kirby, Osamu Sawada, Eleni Staraki, and Suwon Yoon (eds) *The Proceedings of the 43th annual meetings of the Chicago Linguistic Society*. Chicago: Chicago Linguistic Society. p. 141-165.

KENNEDY, C.; MCNALLY, L. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language*, Baltimore, v. 81, n. 2, p. 345–381, 2005. DOI: 10.1353/lan.2005.0071

KLEIN, E. A Semantics for Positive and Comparative Adjectives. *Linguistics and Philosophy*, Nova York, v. 4, p. 1-45, 1980. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF00351812>

KLEIN, E. Comparatives. In: STECHOW, A.; WUNDERLICH, D. (eds.). *Semantics*. An international handbook on contemporary research. Berlin: de Gruyter. 1991. p. 673-691.

MARQUES, R. R. *Para uma semântica das construções comparativas em português*. 2003. 318 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Lisboa, 2003.

MORZYCKI, M. *Modification*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

REGLERO, L. On Spanish Comparative Subdeletion Constructions. *Studia Linguistica*, Hoboken, v. 61, p. 130-169, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9582.2007.00133.x>

RETT, J. Manner implicatures and how to spot them. *International Review of Pragmatics*, Leida, v. 12, n. 1, p. 44–79, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1163/18773109-01201105>. Disponível em: <https://brill.com/view/journals/irp/12/1/article-p44_2.xml>. Acesso em: 8 abr. 2022.

ROTHSTEIN, S.; PIRES DE OLIVEIRA, R. Bare singular noun phrases are mass in Brazilian Portuguese. *Lingua*, Amsterdam, v. 121, n. 15, p. 2153–2175, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2011.09.004>. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0024384111001744>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

SCHWARZSCHILD, R. The Role of Dimensions in the Syntax of Noun Phrases. *Syntax*, Hoboken, v. 9, n. 1, p. 67–110, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9612.2006.00083.x>

SOUZA, L. M. *Comparativas quantitativas no português brasileiro: sintaxe e semântica*. 2010. 157 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

SANCHEZ-MENDES, L. Degree Constructions in Brazilian Portuguese and in Karitiana: a challenge to universal parameters. In: BUI, T.; IVAN, R.R. (eds.). *SULA 9: Proceedings of the Ninth Conference on the Semantics of Under-Represented Languages in the Americas*. Santa Cruz: GLSA, 2016. p. 141-154.

STASSEN, L. *Comparison and Universal Grammar: An Essay in Universal Grammar*. Oxford: Blackwell, 1985.

von STECHOW, A. Comparing Semantic Theories of Comparison. *Journal of Semantics*, Oxford, v. 3, p. 1-77, 1984. DOI: <https://doi.org/10.1093/jos/3.1-2.1>

ULTAN, R. Some features of basic comparative constructions. *Working Papers on Language Universals*, Palo Alto, n. 9, p. 117-162, 1972.